

## **AFRO CIÊNCIAS: PRÁTICA PEDAGÓGICA EM BUSCA DA IGUALDADE RACIAL**

## **AFRO CIÊNCIAS: PEDAGOGICAL PRACTICE IN SEARCH OF RACIAL EQUALITY**

Walisson Roberto da Silva  
Alexandre Geraldo Gomes  
Frederico Alves Lopes  
Roberto Afonso Nascimento

### **Resumo**

O presente trabalho objetiva relatar a experiência do projeto Afro ciências, uma feira anual desenvolvida na Funec-Unidade Nova Contagem, sempre no mês de novembro, mês da Consciência Negra. A referida feira é um despertar para a busca da igualdade racial em nosso país. Mais que isso, é um projeto de combate ao racismo, de visibilidade da cultura e conhecimentos afro-brasileiros, de integração das tradições indígenas e negras. Enfim, uma resposta para a invisibilidade da história não europeia, agrupando toda a comunidade escolar em volta de uma Feira de conhecimentos e tradições de matriz africana.

**Palavras-Chave:** Afro ciências. Igualdade Racial. Funec Nova Contagem. Protagonismo estudantil. Lei 11.645.

### **Abstract**

The present work aims to report the experience of the Afro ciências project, an annual fair developed at Funec-Nova Contagem Unit, always in the month of November, Black Consciousness Month. The fair is an awakening to the pursuit of racial equality in our country. More than that, it is a project to combat racism, the visibility of Afro-Brazilian culture and knowledge, the integration of indigenous and black traditions. In short, an answer to the invisibility of non-European history, bringing together the whole school community around a Fair of African-based traditions and knowledge.

**Keywords:** Afro ciências. Racial Equality. Funec Nova Contagem. Student Protagonism.

Law 11.645.

## **Introdução**

Apresentamos, em nosso Relato de Experiência, o projeto pedagógico denominado “Afro ciências”. Esse projeto acontece todo ano em nossa escola, sempre no terceiro trimestre do ano letivo, com culminância no mês de novembro, época em que é comemorado o Dia da Consciência Negra.

O objetivo principal do Afro ciências é um despertar para a busca da igualdade racial em nosso país. Mais que isso, é um projeto de combate ao racismo, de visibilidade da cultura e dos conhecimentos afro-brasileiros e indígenas, de integração das tradições indígenas e negras. Enfim, uma resposta para a invisibilidade da história não europeia, agrupando toda a comunidade escolar em torno de uma Feira de conhecimentos e tradições Afro.

O projeto Afro ciências se insere em um contexto maior: acompanhando uma linearidade histórica dos povos latino-americanos. A população brasileira também se formou a partir de processos migratórios relevantes, que promoveram uma significativa diversidade étnico-cultural na nossa sociedade. Nós, brasileiros, no nosso cotidiano, reconhecemos essa diversidade étnico-cultural como parte inexorável da nossa identidade como povo brasileiro. No entanto, a naturalização da diversidade étnico-cultural alimenta uma visão de sociedade sem conflitos, igualitária socioeconomicamente e que respeita suas diversidades culturais.

Desse modo, nossa educação precisa romper com essa naturalização do racismo, da desigualdade e do mito da democracia racial. Tal como defendido pela estudiosa das relações étnico-raciais na escola, Petronilha Silva (2007, p. 490).

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnicos raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e

ensinos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos.

Portanto, entendemos que a naturalização da diversidade cultural do povo brasileiro hierarquizou os discursos étnico-culturais, institucionalizando uma suposta democracia racial que esconde uma realidade histórica de marginalização da população afrodescendente e das populações indígenas. Verifica-se aí o maior objetivo do Afro ciências: buscar desvelar o mito da democracia racial refletindo e agindo na construção de uma sociedade mais igualitária.

Nesse contexto, de não aceitação da desigualdade, de luta pela afirmação étnico-cultural, esses grupos étnicos brasileiros, historicamente marginalizados, vêm promovendo processos construtivistas de embates étnico-culturais que possibilitem romper com os discursos étnico-culturais hierarquizados da nossa sociedade moderna. E uma das históricas conquistas dessa luta desigual foi a adoção da obrigatoriedade do ensino da cultura e história afro-brasileiras, africanas e indígenas nas escolas, através das leis 10.639 e 11.645.

De fato, a adoção nos currículos escolares da educação básica do ensino da cultura e história afro-brasileiras, africanas e indígenas consolida um instrumento didático de embate étnico-cultural, essencial para engendrar uma sociedade real, capaz de respeitar suas diversidades étnicas em todas as suas dimensões.

Entretanto, vale salientar que a simples institucionalização das leis 10.639 e 11.645 são vitórias que não trazem mudanças sozinhas. Os professores, ao desenvolverem suas intervenções pedagógicas nas escolas, muitas vezes isoladamente ou em pequenos grupos, enfrentam diversas barreiras. Como obstáculos ou barreiras a serem transpostas, temos a falta de material didático apropriado, as lacunas no processo de formação dos docentes, o mito da democracia racial historicamente construído, o preconceito institucionalizado, a intolerância religiosa, e muitos outros obstáculos.

São diversos os relatos e exemplos que revelam como esses desafios são difíceis de serem superados no ambiente escolar, simplesmente porque os muros da escola não a isolam da realidade de nossa sociedade. Buscamos superar esses desafios no projeto Afro ciências, com ações pedagógicas inovadoras, que possam romper com a lógica de trabalho que normalmente é adotada nas escolas, um trabalho isolado de um professor ou de um grupo de professores.

Na nossa experiência do Afro ciências, verifica-se uma união de todos os segmentos da escola: estudantes, funcionários, professores, direção, pais e mães, na construção de uma Feira voltada para os conhecimentos e tradições Afro-brasileiras.

Ressaltamos que a adoção de um projeto pedagógico pela comunidade escolar reorienta a atuação dos docentes para a busca de ações mais contributivas fundamentadas na organização coletiva do trabalho. Logo, relatamos que a consequência de se desenvolver um sentimento de coletividade no conjunto de atores escolares permitiu que elaborássemos o elemento mais inovador do projeto, a sua institucionalização no calendário escolar.

Afirmamos que a ideia de inovação resulta da institucionalização no calendário escolar de um projeto pedagógico coletivo que busca valorizar a diversidade cultural da nação brasileira. Constatamos que o Afro ciências adota eixos temáticos que se orientam pelo resgate e pela valorização da cultura africana e indígena em nossa sociedade, na qual cada ano é escolhido um tema central para ser trabalhado coletivamente, sendo nos últimos anos os temas: África, berço da humanidade (2014); Baobá, a Árvore da Memória (2015); ONU e a Década Internacional de Afrodescendentes (2016), Samba, cultura viva (2017).

Eis que apresentamos nosso relato a fim de divulgar essa experiência de prática pedagógica que busca a construção de uma sociedade mais tolerante, igualitária e comprometida com o respeito à diversidade.



**Afro ciências, 2016.**

### **Em busca da igualdade racial**

Um educador de escola pública, no cotidiano de suas atividades profissionais, convive com realidades sociais e econômicas que não se identificam com as suas próprias realidades. Ressaltar tal contexto é importante para entendermos o funcionamento de um projeto pedagógico interdisciplinar como o Afro ciências, implantado na unidade de ensino Nova Contagem da rede FUNEC.

A unidade de ensino Nova Contagem apresenta certas peculiaridades resultantes de um contexto histórico de formação e ocupação da região, que ultrapassa os muros da escola. De fato, os estudantes dessa unidade de ensino, como sujeitos engendrados no cotidiano de uma sociedade, convivem com estereótipos que vão além

da sua condição de jovem pobre e de periferia, mas que, na realidade, são determinados por serem moradores da região de Nova Contagem.

No contexto histórico, a região de Nova Contagem surgiu e se desenvolveu a partir da construção de um enorme conjunto de casas populares que foram doadas para a população pobre do Município de Contagem. Junta-se a esse contexto a construção do complexo penitenciário Nelson Hungria na região. Devemos salientar que o crescimento da região, ao longo dos anos, tornou os muros desse complexo penitenciário, literalmente, vizinhos de muitos moradores na região. Além disso, a região é considerada longe e isolada das outras regiões do município de Contagem pelos seus próprios moradores e pelos moradores das outras regiões do município.

Neste ponto, é interessante percebermos que, aparentemente, era uma política pública dos governos, em todas as esferas, realizar construções de moradias populares em regiões afastadas das áreas centrais dos municípios. Todos esses elementos, ao longo das décadas, alimentaram estereótipos que marcam os moradores de Nova Contagem e, conseqüentemente, os estudantes da nossa escola.

Como resultado desse contexto, existe, na unidade de ensino de Nova Contagem, uma grande rotatividade de professores, visto que muitos que são destinados à unidade rejeitam trabalhar nela, alegando, entre outras desculpas, que essa unidade de ensino localiza-se distante das outras regiões do município, dificultando o acesso à escola. Além disso, os alunos da escola carregam consigo os estereótipos do bairro, que, naturalmente, afetam seu desenvolvimento escolar. Ou seja, esses alunos naturalizam um discurso de baixa estima no ambiente escolar, não raras vezes duvidando das suas capacidades de desenvolverem projetos, além de exercerem resistência aos professores, por serem sujeitos de realidades socioeconômicas distintas das suas.



**Afro ciências, 2016.**

Como podemos perceber, existem muitos obstáculos intrínsecos ao ambiente escolar da unidade de ensino de Nova Contagem, que dificultam o desenvolvimento de projetos pedagógico com grande mobilização da escola, como o Afro ciências. Muitos desses obstáculos precisam ser superados no cotidiano do ambiente escolar com discursos positivos que superem a naturalização da baixa estima nos alunos e permitam que esses sejam sujeitos ativos no processo ensino aprendizagem. É preciso superar o contexto de desigualdade estabelecido não somente em Nova Contagem, mas, infelizmente, em todo país:

De Norte a Sul do País, a presença negra é divulgada discursivamente como um forte componente da diversidade cultural brasileira. Todavia, do ponto de vista das políticas, das práticas, das condições de vida, do emprego, da saúde, do acesso e da permanência na educação escolar, a situação ainda é de desigualdade, preconceito e discriminação (GOMES, 2012, p. 19).

Nesse ponto, salientamos a importância da decisão do grupo de educadores de institucionalizar projetos pedagógicos na escola. Neste caso, salientamos que a institucionalização de projetos pedagógicos nessa unidade de ensino não é resultante direto do projeto Afro ciências, mas do contexto histórico já descrito, em que se insere o nosso ambiente escolar. De fato, a rotatividade de professores e a baixa autoestima dos alunos geram elementos cotidianos que obstaculizam o desenvolvimento de projetos pedagógicos. Mas, à medida que a escola passou a adotar um calendário escolar de atividades pedagógicas institucionalizadas, entre elas, citamos o Afro ciências, o campeonato esportivo e a comemoração do Halloween, percebemos, ao longo dos anos de convívio com essa estratégia pedagógica, que os obstáculos que dificultam a execução de projetos pedagógicos são amenizados.



**Afro ciências, 2016.**

Assim, compreendemos que um dos marcos inovadores do projeto pedagógico Afro ciências, que contribui significativamente para sua manutenção nessa unidade de

ensino, foi a sua institucionalização no calendário escolar e a conseqüente adoção do trabalho coletivo dos educadores na execução do projeto.

Percebam que o tema interdisciplinaridade não é abordado no nosso discurso pedagógico. De fato, substituímos a temática interdisciplinaridade pela simplicidade da coletividade. Salientamos que projetos pedagógicos interdisciplinares na escola não se desenvolvem porque esbarram na complexidade de se compreender o que é trabalho pedagógico interdisciplinar.

É comum, no cotidiano escolar, professores romperem com projetos pedagógicos simplesmente porque seu conteúdo de ensino ou sua disciplina não se encaixa no tema proposto. Ou seja, pelo entendimento do professor, a temática adotada não permite um trabalho interdisciplinar com a sua disciplina. Nesse ponto, lembramos que o processo de formação docente ainda é falho, carregando lacunas consideráveis na formação didático-pedagógica. Por isso, ao adotarmos a simplicidade da coletividade, ou melhor, do trabalho coletivo dos educadores na execução do projeto Afro ciências, buscamos não obstaculizar o seu desenvolvimento com o discurso da interdisciplinaridade.

A própria peculiaridade do projeto Afro ciências, cujos objetivos são o de despertar a sociedade para a busca da igualdade racial em nosso país, de combate ao racismo e de promover a visibilidade da cultura e dos conhecimentos afro-brasileiros e indígenas já resultaria no abandono deste por diversos docentes, por não visualizarem a temática sendo abordada pelo seu conteúdo de ensino. Neste ponto, abrimos parênteses para um relato de experiência particular, do professor de Geografia dessa instituição de ensino, que participou da reunião pedagógica na qual o projeto Afro ciências foi apresentado originalmente pelo professor de história, Alexandre:

“No primeiro instante, considerei que o tema seria de difícil abordagem pela minha disciplina, portanto, fiquei resistente ao projeto. No entanto, o projeto foi aprovado pelo grupo de professores simplesmente porque sua execução teria uma abordagem coletiva e não interdisciplinar.” (Relato Walisson Silva, 2018).

E o que entendemos como abordagem coletiva? Ressaltamos que o uso do termo coletivo se justifica na forma de executar uma proposta pedagógica com a

participação de todos os professores, independente do tema abordado e de sua possível interdisciplinaridade.

A organização do projeto Afro ciências prioriza a necessidade da instituição de ensino e dos professores de promover um instrumento didático de embate étnico-cultural essencial para engendrar uma sociedade real, capaz de respeitar suas diversidades étnicas em todas as suas dimensões. Nesse sentido, a prioridade é o tema abordado e não a sua interdisciplinaridade. Logo, as reuniões pedagógicas iniciais já demonstram um trabalho coletivo do grupo, quando discutimos possíveis temas que são relevantes para a realidade dos alunos e que sirvam para promover processos construtivistas de embates étnico-culturais.

Metodologicamente os eixos temáticos do projeto são definidos em reuniões pedagógicas pelo conjunto dos professores e depois repassados para os alunos que decidirão como focalizar e apresentar o tema central. Democraticamente, cada sala escolhe o eixo temático que deseja trabalhar, sempre em diálogo com o tema central daquele ano, e o professor orientador contribuirá com o desenvolvimento do tema e orientação do trabalho. No passo seguinte, os alunos, junto com o professor orientador, se envolvem em pesquisas para delinear a temática que será trabalhada pela sala e no planejamento da apresentação. Tal como defendido por Silva (2007, p. 491), nosso projeto busca consonância com o fortalecimento das identidades e diversidade.

Por isso a educação das relações étnico-raciais deve ser conduzida, tendo-se como referências os seguintes princípios: consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento de identidades e de direitos; ações de combate ao racismo e a discriminações.

Após dois ou três meses de pesquisa, é chegada a hora da culminância, sempre na semana do dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, ocorre a Feira, com as apresentações dos trabalhos desenvolvidos por cada turma, mais a entrega de um trabalho escrito, sintetizando o tema trabalho. Neste dia, muito movimentado, cada turma produz a ornamentação da sala e abre os trabalhos para visitação, que   aberta para professores, funcionários, demais estudantes, mães, pais e responsáveis. Os resultados, ao longo desses anos, são acima do esperado, pois a diversidade de trabalhos surpreende quem participa da feira.



**Afro ciências, 2017.**

### **Considerações finais**

Em nossa opinião, fundamentada na vivência escolar de três anos consecutivos de projeto, os alunos tornaram-se mais atuantes e seguros nos embates étnico-culturais. Outro ponto que destacamos no projeto Afro ciências é a adoção da pesquisa como princípio educativo. A adoção de metodologias de ensino reflexivas proporciona aos alunos a possibilidade de conduzir seu processo de ensino/aprendizagem, produzindo conhecimento a partir dos seus próprios esforços, com pesquisa, produção e apresentação. Mas, no projeto Afro ciências, a obrigatoriedade da pesquisa não é exclusiva do aluno. No caso do ensino da cultura e história afro-brasileiras, africanas e indígenas nas escolas, vale ressaltar que o processo de formação dos docentes é geralmente deficitário. Portanto, como promover o ensino da cultura e história afro-brasileiras, africanas e indígenas nas escolas se não tivermos uma formação docente adequada? Questionamento colocado também por Kabengele Munanga (2005, p. 15):

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio

que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade.



Afro ciências, 2015.

De fato, essa peculiaridade na abordagem dessas temáticas induz estudantes e professores a realizarem pesquisas, sendo proativos no processo ensino-aprendizagem. Se nós, professores, não tivemos a formação ideal, é nosso dever

buscar novos estudos, manter sempre viva a formação, denominada continuada, que na verdade é contínua, durante toda nossa vida.

Salientamos que a pesquisa é fundamental para que os estudantes desenvolvam uma capacidade crítica da sua realidade, capaz de torná-los atuantes sobre a mesma. É por isso que os eixos temáticos abordados pelo Projeto Afro ciências orientam-se pela valorização das identidades culturais afro-descendentes e indígenas na sociedade brasileira. Os temas que foram trabalhados nas edições do projeto foram: “África, berço da humanidade” (2014); “Baobá, a Árvore da Memória” (2015); “ONU e a Década Internacional de Afrodescendentes” (2016), “Samba, cultura viva” (2017).

Asseveramos que uma visão positiva, na afirmação dessas identidades culturais na sociedade, fomenta o empoderamento dos nossos estudantes na mediação cotidiana com uma sociedade desigual. Como esboçado pela ex-ministra para Promoção da Igualdade Racial, Nilma Lino Gomes (2012, p. 24):

A educação escolar, como espaço-tempo de formação humana, socialização e sistematização de conhecimentos, apresenta-se como uma área central para a realização de uma intervenção positiva na superação de preconceitos, estereótipos, discriminação e racismo.

Com o objetivo central da promoção da positivação dos afrodescendentes e indígenas, o projeto Afro ciências nos apresenta como conclusões, primeiro, uma percepção de aumento da autoestima dos estudantes; segundo, uma promoção do respeito às diferenças e combate a todas e qualquer forma de discriminação e racismo; terceiro, ascensão de conhecimentos, com valorização e incentivo ao protagonismo estudantil e à criatividade. Os desafios colocados são a alta rotatividade dos professores na escola - que dificulta um trabalho de longo prazo e orgânico, dificuldade minimizada pela institucionalização do Afro ciências no calendário escolar – e, também, a resistência de trabalhos interdisciplinares, pois a divisão do ensino em disciplinas estrutura um trabalho docente particularizado, desafio que todos os anos buscamos superar na união em torno de uma Feira Afro, pois, como sempre lembrado na Filosofia africana do Ubuntu: “eu sou porque nós somos”.

## **Referências**

GOMES, Nilma Lino (Org.). *Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03*. 1. ed. Brasília: MEC; Unesco, 2012. 421 p.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf)> Acesso em 11 de maio de 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Revista Educação: Porto Alegre/RS*, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.